CD DOCUMENTAÇÃO TL 5882 7/90

MESA REDONDA: TIMOR-LESTE QUE SOLUÇÃO?

Intervenção de

A. BARBEDO DE MAGALHÃES

sobre a

IMPORTÂNCIA DA IGREJA NUMA SOLUÇÃO PARA TIMOR-LESTE

Braga, Faculdade de Teologia, 1 de Junho de 1990

1 - A IGREJA TEM UMA RESPONSABILIDADE HISTORICA NA ECLOSÃO DA CONSCIENCIA NACIONAL TIMORENSE

Com razão os bispos portugueses afirmaram, na nota do Conselho Permanente da Conferência Episcopal, datada de 28 de Março de 1984, que:

"No drama de Timor, a Igreja portuguesa sente-se de certo modo em causa, pela responsabilidade histórica que, embora indirectamente, lhe coube na eclosão da sua consciência nacional."

De facto Timor não foi conquistado pelos portugueses pela força das armas mas, como por vezes os timorenses e os seus liurais lembravam, pelo sal e pela água, isto é, pelo baptismo.

Admite-se que fossem missionários portugueses os primeiros europeus a fixarem-se em Timor, cerca de 1530.

Em 1561 Frei António da Cruz com mais 12 dominicanos inicia uma missionação sistemática das três ilhas de Solor, Flores e Timor.

Até à nomeação do primeiro Governador de Timor, em 1701, isto é, durante cerca de 150 anos, o governo da Ilha coube ao superior local dos missionários dominicanos.

Até 1960 quase todo o ensino, em Timor, era feito em escolas da Igreja, quer por missionários e missionárias católicas, quer por padres, catequistas e professores-catequistas timorenses.

Em finais da década de 50, só havia ensino primário completo em cinco localidades. Em quatro delas era ensino católico (isto sem contar com as escolas chinesas, que tinham um ensino totalmente à margem do sistema português).

Ainda em 1961/62 havia 5.171 alunos matriculados nas escolas das missões, e apenas 2.562 nas escolas do estado. Só a partir da década de 60 o Estado investiu significativamente no ensino em Timor, alterando-se, por isso, a situação.

Em 1973/74, das 94.689 crianças matriculadas no ensino primário (a que correspondia uma escolarização de 77% das crianças timorenses), 11.082 frequentavam as escolas das missões, 11.935 as da Acção Social do Exército (criadas a partir de 1962/63) e a grande maioria, 71.672, estavam inscritas no ensino oficial.

Em 1515, quando os portugueses chegaram a Timor, nem a escrita, nem o hinduísmo, nem o budismo, nem o islamismo tinham penetrado no território.

Enquanto a Indonésia sofreu todas estas influências, os timorenses conviveram, durante mais de quatro séculos, quase exclusivamente com os portugueses e com a Igreja Católica, que lhes foram influenciando os costumes e as mentalidades.

Em 1970, das 628.842 pessoas recenceadas no então Timor Português, havia 196.861 católicos (31,3%), 2.227 protestantes (0,3%), 234 maometanos (0,04%), 5.942 budistas (0,95%), a maior parte dos quais de origem chinesa. Os restantes (67,4%) eram animistas.

Em 1971 havia 42 sacerdotes em Timor, 31 diocesanos (dos quais 13 timorenses) e 11 religiosos. Contavam-se então 10 irmãos religiosos (3 jesuítas e 7 salesianos) e 49 irmãs (30 canossianas, 12 dominicanas e 7 servas da Sagrada Família).

Se quizermos comparar as raízes e influências dominantes em

Java e nas mais populosas ilhas indonésias, por um lado, e Timor, por outro, temos o seguinte esquema:

1.1 - TIMOR-LESTE

Substracto: - Animismo Mágico.

Influências: - Portuguesa e Católica.

De que resultou, em 1974: - 31,5% de Católicos.

Hoje: cerca de 84% de Católicos

1.2 - INDONÉSIA

Substracto: - Animismo Mágico.

Influências:

1ª vaga: - Hindo-Budismo (primeiros Séculos da era cristã).
(Hoje há cerca de 1% de budistas e 2% de hinduistas na Indonésia)

2ª vaga: - Islamismo (começo no séc. XII, mas islamização intensa a partir do séc. XIV). É a influência predominante (84%) embora misturada com as crenças anteriores.

3ª vaga: - Cristã (a partir do séc. XVI e sobretudo nas zonas não islamizadas). Hoje, dos 180 milhões de habitantes da Indonésia, cerca de 6% são protestantes e 3% são católicos.

2 - SOLIDÁRIA COM O SEU POVO A IGREJA DE TIMOR SOFRE A OPRESSÃO E O OSTRACISMO

Em princípios de 1978 duas Irmãs Dominicanas que tinham sido missionárias em Timor divulgam, pela primeira vez, uma carta escrita em Novembro de 1977 por outro missionário que estava em Timor, e em que este afirma entre outras coisas.

"Fazei algo de positivo pela liberdade do povo de Timor. O mundo ignora-nos e é pena... estamos a caminho de um eminente genocídio. Até fins de Dezembro próximo a guerra promete ser "carnificina", extermínio. Toda a juventude válida de Timor (30% da população) está no mato; os indonésios só controlam as vilas, numa circunferência de 1 a 2 km. Pedi aos homens amantes de justiça para que salvem Timor (...)".

Quando em 31 de Dezembro de 1978 o 2º Presidente da Fretilin, Nicolau Lobato, morreu em combate, a situação desta era dramática:

- 80% dos membros do Conselho Superior da Luta tinham morrido;
- Do Comité Central da Fretilin, que tivera cerca de 50 membros, restavam três;
- 80% das Falintil (Forças Armadas da Fretilin) tinham morrido;
- Mais de 90% das armas caíram nas mãos do ocupante;
- As ligações entre grupos da resistência sobreviventes e destes ao exterior estavam cortadas.

Jugando-se com a guerra ganha, as tropas indonésias dão largas à sua brutalidade. As promessas de amnistia que fazem não são senão embustes para fazer assassinatos em massa e massacres, onde as cenas mais horrorosas de tortura, violação e bestialidade são incentivadas pelos generais e ministros indonésios, para que o terror sirva de lição e evite quaisquer laivos de resistência.

Grande parte dos sacerdotes e missionários de Timor toma, então, atitudes corajosas de defesa do povo contra tais atrocidades. Como diz um missionário, num "Relatório deste triste cativeiro", com notícias do período de Julho de 1978 até Junho de 1981. Depois de referir muitas atrocidades conclui:

" Apenas o Clero tem trabalhado, para ajudar o infeliz povo de Timor-Leste em todos os sectores. Graças à Igreja de Timor, o resto da população tem conseguido sobreviver".

"Há sacerdotes que com coragem enfrentam as armas intercedendo junto dos assassinos pela vida de centenas de milhares de inocentes mesmo já no momento de serem fuzilados".

Em Outubro de 1981, outro missionário escreve, àcerca dos ocupantes indonésios:

"(...) Duas grandes verdades: é gente (Governo) capaz de genocídio... e que só temem uma coisa: a condenação pública universal..."

No mesmo ano de 1981, um grupo de religiosos e religiosas católicas de Timor elaborou um documento escrito *"na base das reflexões profundas de todos nós, tanto no meio dos nossos grupos (comunidades cristãs) como entre todos nós (religiosos e religiosas)"*, em que afirmam:

"Todos teremos de realizar que o Exército Nacional da Indonésia que libertou a Indonésia do poder colonial de uma maneira espantosa, nunca libertará o povo de Timor Leste da sua condição colonial para a autonomia e independência nacional, porque a sua situação e realidade são muito diferentes. Aquilo que tem acontecido durante estes cinco anos é muito significativamente: invasão, guerra, pilhagem, a destruição da população indígena, sujeição territorial, exploração colonial, a explusão da população indígena que é substituida por pessoas de outras ilhas, ocupação militar, tentativas de mobilização massiva de pessoas (dos 12 aos 55 anos) para fazerem a guerra entre si.

"Actualmente, a vontade do povo de Timor Leste, aliás como desde o iniício, é ter o direito de determinar o seu próprio destino e não os massacres em massa que têm sido levados a cabo pelos seus vizinhos... O povo está consciente de que a sua fé vem de Deus, cuja palavra toma a forma de justiça social. Esta justiça decorre da justiça de Deus na sua relação com o seu povo. Esta justiça deve ser construída pelo próprio povo, baseado na fé e cooperação com Deus.

"Para nós, viver a fé sem sério empenhamento na construção da justiça social é o mesmo que tornar a fé meramente estrangeira e mística. Criar justiça com o presente governo indonésio não é possível, apesar de o povo desejar intensamente a justiça".

No mesmo documento os religiosos e religiosas de Timor-Leste deixam transparecer a dor de se sentirem tão abandonados:

"Também confessamos que ainda não compreendemos porque razão a Igreja Indonésia e a Igreja Romana não declararam oficial e abertamente a sua

solidariedade com a Igreja, religiosos e povo de Timor Leste. Talvez este seja para nós o golpe mais duro. Vendo a extensão da tragédia do povo de Timor Leste, que se tem arrastado ao longo de 6 anos, fazendo um número de vítimas superior a 200.000 pessoas, incidente conhecido em todo o mundo, ficamos assombrados com o silêncio que parece permitir que morramos abandonados. Por isso organizámos este diálogo com sinceridade de coração, esperando ser compreendidos ou, se necessário, perdoados na fé."

São conhecidas as denúncias que tão corajosamente D. Martinho Lopes fez, a partir de 1981, da dramática situação do povo de Timor-Leste, e dos relatórios e cartas com apelos de ajuda que enviou para o exterior. Na sequência disso recebeu ameaças de morte por parte das forças indonésias, e o conselho de pedir a resignação, por parte de Roma...

Substituído por Mons. Carlos Filipe Ximenes Belo, em Maio de 1983, este último, cerca de 16 meses depois de tomar posse como Administrador Apostólico de Dili, diz em entrevista à France Press:

"- Receio a javanização de Timor-Leste. Em Dili perguntamo-nos, muitas vezes: onde estão os timores?". Eles "vão tornar-se na sua própria terra, cidadãos de segunda classe".

E, em carta a Monsenhor Martinho Lopes, seu predecessor, escreve:

"Faça um apelo ao mundo livre para abrir os olhos perante as arbitrariedades de que são capazes os indonésios."...

Para o Dia Mundial da Paz (1 de Janeiro) de 1985, o Conselho Presbiterial da Diocese de Dili, em ligação com o Administrador Apostólico elaborou um texto de reflexão de que citamos algumas passagens:

"A Igreja sente com angústia verem processar-se factos que conduzem lentamente até à extinção étnica, cultural e religiosa, da identidade do Povo de Timor Oriental. A Igreja afirma com a força que lhe vem da sua própria missão que - O Povo é soberano do seu próprio destino -" (RH, nº 17; cfr. pp. º65).

E, mais adiante:

"A Igreja crê que o Povo de Timor se sente lesado nos seus direitos humanos fundamentais. Entre estes direitos há o do Povo timorense orientar e dirigir o seu próprio destino. Trata-se, na verdade, de gerir o seu destino consoante a sua própria identidade".

Apesar disso, o Cardeal Casaroli, Secretário de Estado do Vaticano, quando esteve em Portugal, em fins de Abril de 1987, nas poucas declarações públicas que fez, afirmou que a situação da Igreja em Timor era *"suficientemente boa"*... Para que não ficasse a saber o contrário, até se recusou a receber os padres timorenses residentes em Portugal, e o superior dos jesuitas portugueses, a quem a Indonésia recusava (como continuou a recusar) autorização para visitarem ou re-entrarem em Timor... E provavelmente terá esquecido também os cerca de 80.000 católicos mortos em resultado da invasão e ocupação indonésia do território!...

Apesar das palavras tranquilizantes do Cardeal Casaroli, catequistas continuam a ser presos, e alguns mortos, sacerdotes são objecto de fortes pressões, e alguns interrogados e até esbofeteados e ameaçados de morte. O próprio D. Ximenes Belo tem o telefone vigiado e, de tempos a tempos, fica sem receber correspondência e completamente isolado. Nalgumas ocasiões em que consegue contactar ou é contactado do exterior, o bispo de Dili chega a afirmar que está *"numa gaiola"!*...

Em 6 de Fevereiro de 1989, o administrador Apostólico da diocese de Dili, D. Carlos Filipe Ximenes Belo, escreveu ao Secretário-Geral das Nações Unidas uma carta em que diz, nomeadamente:

"Tomo a liberdade de escrever a Sua Excelência o Senhor Secretário-Geral para levar ao seu conhecimento que o processo de descolonização do Timor Português ainda não está resolvido pelas Nações Unidas e convêm não deixá-lo no esquecimento. Para nós, o Povo de Timor, pensamos que temos de ser consultados sobre o destino da nossa terra. Por isso (...), como responsável pela Igreja Católica e como cidadão de Timor, venho pedir ao Senhor Secretário-Geral para iniciar em Timor o processo de descolonização mais normal e democrático que é a realização de um REFERENDUM. O Povo de Timor tem de ser ouvido através de um plebiscito quanto ao seu futuro. Até agora, o povo ainda não foi consultado. São os outros que falam em nome do Povo. É a Indonésia que diz que o povo de Timor já escolheu a integração, mas o próprio povo de Timor nunca disse isso. Portugal quer deixar ao tempo a resolução do problema. E nós vamos morrendo como povo e como Nação."

Poucos meses depois, o Governo Indonésio proíbe as missas em tetum. Mas o bispo Ximenes Belo, e a generalidade dos padres timorenses não acatam a proibição. São ameaçados, mas continuam firmes a usar a língua veícular dos timorenses, recusando o bahasa indonésio dos ocupantes.

Ao longo de 1989 o Coronel Prabowo, genro do General Suharto (Presidente da Indonésia) faz comícios em que calunia o bispo e alguns padres e missionários, contra os quais tenta voltar a população. Em frente ao Paço Episcopal consegue organizar uma manifestação, que D. Ximenes Belo enfrenta com muita coragem, acabando por pôr os manifestantes a aclamá-lo com palmas...

O povo timorense é ameaçado, caso apoie publicamente o bispo Ximenes Belo. As autoridades militares chegam a ameaçar destruir as igrejas e os objectos de culto, se o fizerem. Mas, apesar disso, muitos timorenses manifestam publicamente o apoio ao seu bispo e à proposta de referendo por este feita ao Secretário-Geral da ONU.

Depois da visita de João Paulo II a Timor-Leste, e da manifestação dos jovens timorenses, no fim da missa papal, em 12 de Outubro de 1989, abateu-se uma onda de repressão sobre os estudantes das principais escolas católicas, e sobre os padres e missionários que nelas leccionam. Alguns buscam protecção no Paço Episcopal, que é assaltado pelas forças de ocupação, o mesmo acontecendo ao Externato S. José.

Muito recentemente, e na sequência de um violento discurso do Ministro da Defesa indonésio, General Benny Murdani às autoridades e funcionlismo, em dili, as homílias das missas duma grande parte dos padres timorenses e dos missionários passaram a ser gravadas pela polícia política indonésia... Perante tudo isto o Vaticano continua silencioso, enquanto a Igreja e o Povo de Timor-Leste sofrem todo o tipo de pressões, torturas e humilhações.

Abandonados por Roma e por quase todos, milhares de jovens timorenses juram, já este ano (1990), diante da imagem de Nª Senhora, lutar pela independência da sua Pátria.

3 - OS INTERESSES DA IGREJA NA INDONÉSIA "CEGAM" O VATICANO

Com os seus cerca de 180 milhões de habitantes, dos quais 84% são, oficialmente, maometanos (já que todo o indonésio é obrigado a ter uma religião...) a Indonésia é a mais populosa nação predominantemente muçulmana do mundo.

Apesar disso, o regime não é islâmico (embora seja militar, ditatorial e tremendamente opressivo), e a Igreja, embora sujeita a muitas pressões, tem alguma liberdade de acção.

Os cerca de 3% de católicos têm mesmo uma influência cultural, social e política muito superior à sua proporção numérica. Com efeito, na Indonésia há uma Universidade Católica e numerosos colégios da Igreja, considerados dos melhores do país, e frequentados pelas elites intelectuais e sociais. O número de parlamentares, e até de membros do Governo e de figuras políticas influentes católicas é apreciável, e bastante superior à proporção numérica destes no país.

Por tudo isso, e com medo de que a queda do regime ditatorial presente possa significar uma maior islamização da Indonésia, o Vaticano fecha os olhos a todas as atrocidades e procura apenas reforçar o número e a influência dos católicos nesta enorme e importante nação.

Nesta perspectiva a integração de Timor não podia ser mais desejada. Na optica do Vaticano, parece que os cristãos timorenses deveriam servir para reforçar a tão minoritária comunidade cristã indonésia. A sua combatividade daria um acrescido poder à Igreja nesta nação predominantemente Islâmica.

Por isso, desde o princípio a Igreja Indonésia, a Nunciatura Apostólica de Jakarta, e o Vaticano, sempre apoiaram a integração de Timor na Indonésia. E a tal ponto reputam isso de importante que uma autêntica cegueira as leva a não querer ver e a não denunciar publicamente, nem a ocupação nem sequer, os brutais e horríveis métodos empregues pelos ocupantes indonésios. Assim, o mais grave genocídio dos tempos presentes continua a arrastar-se há mais de catorze anos sem que o Papa ou o Vaticano o tenham, uma única vez, denunciado e condenado pública e inequivocamente.

Muito pelo contrário, ao nível do Vaticano e de muito importantes sectores da Igreja Católica, até os mais duvidosos métodos têm sido utilizados para encobrir a ocupação e o genocídio praticado pelo Governo indonésio e para apresentar o território como vivendo uma situação normal, naturalmente integrado na Indonésia!

A carta aberta dirigida ao Presidente da República pelo grupo Paz e Justiça par Timor-Leste em 18 de Abril de 1990, alguns dias antes da sua visita ao Vaticano, e que se anexa, é bem esclarecedora dos métodos que aqui denunciamos.

Desde alteração de actas e resoluções aprovadas em importantes reuniões mundiais, até à ausência de *"preocupações diplomáticas,"* que são substituidas por *"finalidades jornalísticas"* equivalentes à propagação, por todo o mundo, de uma mentira e ao encobrimento de um crime contra a humanidade, tudo tem sido utilizado pelo Vaticano ou por personalidades ou movimentos de grande responsabilidade no seio da Igreja, para que o mundo se cale e se não revolte contra uma situação tão dolorosa e tão criminosa.

Onde está a coerência de uma Igreja que proclama, em 1 de Janeiro de 1989, os direitos das minorias, e se esquece dum pequeno povo tão oprimido? Qual a credibilidade de uma entidade que se pretende moral, a nível internacional, e se recusa a denunciar e a condenar o mais tremendo genocídio do nosso tempo? Ou será que o Vaticano subtituiu o Evangelho pelo programa político de Washington e trocou os pobres e os pequenos pelos poderosos?

Curiosamente, e apesar de Timor ter sido o mais importante tema das conversações entre o Presidente da República e o Papa, e apesar do relevo que lhe deu, no seu discurso no Vaticano, em Abril passado, o Dr. Mário Soares, o Papa evitou qualquer referência ao problema no seu discurso público, como que a dizer que só considerará os timorenses dignos de consideração se eles aceitarem a integração na Indonésia.

Felizmente não tem sido esta a atitude de Sua Santidade em relação à Polónia e à Lituânia. Nesses casos João Paulo II tem sabido defender, como lhe compete, os direitos humanos e dos povos, incluindo o direito à autodeterminação.

4 - O PAPEL DA IGREJA É FUNDAMENTAL NA PROCURA DE UMA SOLUÇÃO JUSTA PARA TIMOR

Sem o apoio de qualquer potência mundial, o povo de Timor procurou, na única organização internacional que o auxilia - a Igreja - a protecção que todos lhe negaram. Essa uma das razões pelas quais aumentou tanto o número de católicos em Timor.

Por isso, pelo tão importante papel histórico que a Igreja desempenha, desde há mais de quatro séculos, em Timor, pelas marcas cristás gravadas no coração desse povo, a Igreja Católica pode e deve desempenhar um papel fundamental.

A Igreja timorense, tem tido esse papel, colocando-se ao lado do Povo de Timor-Leste com uma coragem e tenacidade notáveis.

A pouco e pouco, algumas igrejas irmãs (incluindo a Portuguesa) lhe têm manifestado um apoio importante, mas ainda demasiado tímido.

Os silêncios do Vaticano têm servido, a muitos políticos, de justificação para os seus conluios com a potência ocupante. A forma como a visita do Papa a Timor foi preparada, anunciada e realizada, abriu caminho à assinatura do acordo entre a Indonésia e a Austrália para a exploração do petróleo do Mar de Timor.

As propostas de rendição que os representantes e enviados de Roma têm feito aos lideres da Resistência têm tido sempre a mesma resposta negativa. Não é para *"salvar a pele"*, mas para conquistar a Paz na Justiça e na Liberdade para o seu Povo que lutam e que dão a sua vida. E é aos que sofrem e lutam que cabe decidir da continuação da luta, e não a terceiros.

São numerosos os sinais indicativos da estratégia indonésia, apadrinhada pelos Estados Unidos, pela Austrália e outras potências:

1º) - A situação em Timor deve ser apresentada, internacionalmente, como normal, com o povo timorense a aceitar a integração, considerada natural e irreversível.

2º) - A confirmar esta situação, a maior autoridade moral do

planeta, o Papa, vai a Timor. A visita é organizada preparada e realizada como se se tratasse de uma deslocação a uma província indonésia. Daí a forma como esta foi anunciada em 18 de Setembro de 1989 pela Sala de Impressa do Vaticano, que, com *"finalidade jornalística"* a integrou no periplo indonésio da visita papal ao Extremo Oriente.

Segundo esta estratégia, esta visita papal deveria servir, além disso, para passar uma esponja sobre a forma como a integração foi feita, para que o mundo o esquesse e até a própria Indonésia aparecesse de cara lavada.

Esta operação de cosmética, realizada pela mais prestigiada instância moral da humanidade, reflectiu-se na homília da missa em Timor-Leste. Os mortos de Tassi-Tolu, a invasão, a ocupação, o genocídio físico e cultural, nada disso foi denunciado e condenado. Um reiterado apelo ao perdão das ofensas e à reconciliação foi a tónica do discurso papal...

3º) - Com a cobertura moral do Papa, a Indonésia e a Austrália poderam assinar, sem complexos, o acordo para a exploração do petróleo do Mar de Timor, conforme previa esta estratégia.

4º) - Para completar o quadro, uma delegação parlamentar portuguesa devia visitar o território, com este, suficientemente pacificado, nem que para isso seja necessário assassinar mais umas centenas ou milhares de timorenses e de prender e torturar muitos mais!.

A imprensa mundial deveria, então, fazer-se eco da normalidade da situação, e os deputados - a quem compete alterar a Constituição da República - deveriam ficar vencidos pela evidência do controle indonésio da situação...

5º) - Entretanto, e antes que alguém se arrependesse de tão vergonhosas conivências, uma resolução apresentada por um país qualquer (não precisava de ser a Indonésia ...) seria aprovada nas Nações Unidas, e a integração seria, finalmente, um facto internacionalmente reconhecido e aceite.

No quadro desta estratégia, para já só um dos actores não representou o papel que dele se esperava. Foi o povo de Timor, a

sua juventude, que preferiu a prisão, as torturas e a morte, a continuar, interminavelmente, a ser humilhado e cultural e moralmente destruído pelo ocupante.

Compreende-se que o Vaticano olhe com carinho a Igreja Indonésia, a quem nós próprios saudamos com solidariedade e desejamos lucidez e coragem. Mas tememos que a colagem do Papa ao Governo Indonésio e à sua política genocida e sem o minimo respeito pelos direitos humanos, tenha exactamente as consequências que o Papa pretende evitar. Ao fazê-lo, num momento em que todos os dias são presos e torturados dirigentes muçulmanos pelo regime militar indonésio, quando os estudantes universitários se manifestam contra o turísmo de prostituição e outros sinais de corrupção e de imoralidade instigados ou aproveitados pelo *"ocidente cristão,"* e proclamam os valores morais do islamismo para se oporem à degradação do regime e do país, o conluio do Vaticano pode retirar toda a força moral à Igreja Indonésia, e vir a colocá-la, a médio prazo, no banco dos réus.

Compreende-se que o Papa Woytila esteja grato aos americanos pelo apoio que deram à libertação da sua pátria da opressão a que esteve sujeita durante meio século.

Mas não se aceita que, por causa disso, a Igreja Universal se curve diante dos poderosos e não denuncie nem condene o genocídio de todo um povo.

"Timor-Leste, que solução?" é o tema deste debate.

A solução, cabe aos timorenses escolhê-la. E, à falta de meios democráticos, tém estes demonstrado, pela tenacidade com que sofrem e lutam, pela coragem e dignidade com que dão a vida pela sua Pátria, que a resposta é *"liberdade ou morte".*

De cada vez que calamos o seu sofrimento, estamos a prolongá-lo a aumentá-lo.

A Igreja é a instituição que mais pode fazer por Timor.

Compreendem-se os interesses estratégicos, económicos (incluindo os petrolíferos) e religiosos (incluindo os católicos e

os protestantes) envolvidos na questão de Timor. Mas, aos portadores de Esperança, exige-se mais do que aos estados.

Para os homens livres, acima dos interesses está a dignidade.

E para os cristãos à frente das estratégias está a Boa Nova d'Aquele que veio para libertar os oprimidos.

Porto, 30 de Maio de 1990

(António Barbedo de Magalhães)
(Professor Catedrático da Universidade do Porto)